



DOI: 10.14295/rlapc.v8i12.112

Perspectiva Psicológica das Experiências Homoafetivas em Heterossexuais Masculinos: Uma Revisão Bibliográfica

Cleverson Pereira de Souza¹

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz na cidade de Cascavel, oeste do Paraná em 2017.

Especialista em Sexualidade Humana pela Faculdade Rede Futura de Ensino. Atua como Psicólogo Clínico no Instituto Luass Clínica de Psicologia e Orientador Clínico na Faculdade Unopar. Atualmente em formação Terapia Cognitivo Comportamental pela PUCPR.

Contato: psicocleverson@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa parte de uma revisão da literatura para discorrer sobre os aspectos psicológicos acerca das experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos. Buscou-se explorar como as experiências homoafetivas-homossexuais podem gerar impactos psicológicos no desenvolvimento sexual desses jovens e as consequências ocorridas por esses. O objetivo foi compreender, pelas perspectivas psicológicas, os efeitos destas experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos. Levantou-se por meio de material bibliográfico, artigos que apresentavam em suas pesquisas relevância para o tema, de modo a considerar diversas plataformas confiáveis como fonte. Os resultados aqui encontrados, expõem a fragilidade da vivência da sexualidade masculina e apontam para novas questões, visto que a forma de expressar a sexualidade vai além dos aspectos psicológicos.

Palavras-Chave: Sexualidade. Heterossexualidade. Homoafetividade.

Psychological Perspective of Homoaffektive Experiences in Male Heterosexuals: A Literature Review

Abstract: This research starts from a literature review to discuss the psychological aspects about homoaffektive experiences in heterosexual men. In this research the purpose was to explore how homoaffektive-homosexual experiences can generate psychological impacts on the sexual development of these young people and what would be linked to these impacts. The objective was to understand, through psychological perspectives, the impact of homoaffektive experiences on heterosexual men. Articles that presented relevance to the topic in their research were raised through bibliographic material, in order to consider several reliable platforms as a source. The results found here, expose the fragility of the experience of male sexuality and point to new issues, since the impact of expressing sexuality goes beyond psychological aspects.

Keywords: Sexuality. Heterosexuality. Homoaffektivity.

Introdução

Diante das pesquisas sobre sexualidade, verifica-se um campo crescente de estudos nos dias atuais, abrangendo grande visibilidade através da Psicologia e o debate sobre a sexualidade. A ciência humana juntamente com a Psicologia vem estudando cada vez mais as relações sociais e como estas relações causam impactos na construção da sexualidade. O primeiro contato sexual acarreta em uma carga emocional intensa, não se trata apenas de um contato sexual, mas um momento em que é preciso entender como esse indivíduo, aqui, adolescente e jovem adulto se sentirá em relação ao desenvolvimento da sua sexualidade.

O interesse neste artigo parte, precisamente, do estudo teórico acerca do desenvolvimento da sexualidade e como as experiências sexuais estão diretamente ligadas a conceitos psicológicos. Entende-se como conceitos psicológicos, perspectivas ligadas à própria cultura, religião, política, crenças e valores. Sendo Taquete e Rodrigues as principais autoras a contribuir com a temática, visto que materiais sobre experiências sexuais são quase nulos, o artigo foi construído a partir de algumas questões observadas pela leitura do pesquisador nos artigos das autoras citadas, bem como dúvidas vindas do contato sexual com outros homens. Dentre as indagações observadas, discorreu-se sobre de que forma as experiências sexuais homoafetivas resultam em crises emocionais. Como as experiências homoafetivas-homossexuais levariam o adolescente ou o jovem adulto a ser considerado homossexual, e qual a repercussão dessas experiências na vida do adolescente.

Como metodologia, optou-se pela realização de um levantamento bibliográfico em plataformas de pesquisa online como a Scielo e Pepsic e sites de revistas universitárias, e discuti-los por meio da análise explicativa das soluções. Desse modo, este artigo inicia-se com um levantamento teórico e posteriormente apresenta-se a metodologia de coleta de dados, terminando com a discussão dos resultados obtidos no levantamento.

Perspectiva psicológica sobre a sexualidade humana

Atualmente as discussões sobre homossexualidade vêm ganhando espaço no Brasil e no mundo. LGBTs vem batalhando para terem o seu reconhecimento social e seus direitos perante a inclusão na sociedade e a luta contra a exclusão das diferenças (LIMA; EDDINE, 2015).

Vemos que a liberdade sexual ainda está ligada a referência e à noção de pecado em muitas culturas, e assim somos ensinados que o sexo está ligado à reprodução, bem como sentimentos ligados ao amor e prazer sexual heteronormativos (VIEIRA *et al.*, 2016). Ao avaliarmos o quanto estes valores estão enraizados nos dias atuais, percebemos que na construção da sexualidade muitos trazem consigo uma representação de sua autoimagem no social, e com isso há o surgimento de pensamentos sobre o enamoramento, culpa e pecado, frente a sexualidade.

Se o sexo é uma necessidade biológica, sentimentos e pensamentos acerca das experiências demandam uma capacidade psicoemocional para lidar com essas questões. Contudo, a repercussão destas está diretamente ligada a questões como pensamentos disfuncionais sobre sua própria sexualidade e a do outro, emoção de medo ou culpa frente às experiências homoafetivas concebidas pelos fatores culturais levam a um déficit nas habilidades sociais, ausência de atração física, repertório sexual restrito e em alguns casos o surgimento de psicopatologia por não se aceitar ou aceitar o desejo (VIEIRA *et al.*, 2016).

Se em processo terapêutico podemos trabalhar a satisfação e o entendimento do jovem frente às experiências sexuais, por outro lado muitos jovens não frequentam psicoterapia e poucos compreendem seus desejos. Trabalhar essas características individuais na formação da identidade sexual é um processo de organização social bem como de estruturação cognitiva, onde formam suas ideias, internalização de informações, de gênero, figuras sexuais, e ainda, estereótipos (BORGES *et al.*, 2013).

A sexualidade até então é vista como tabu, algo que vem mudando aos poucos com o passar dos anos, jovens apresentam uma série de desinformações, levando essas consigo para a idade adulta. É necessário verificar como eles lidam com as informações e conceitos que trazem sobre a sexualidade e suas diversas formas de expressões (MAROLA *et al.*, 2011). A elaboração da sexualidade “pressupõe experimentações (incluídas aqui afetos homoafetivos), identificações, diferenciações e a liberdade de opção”, visto que autores trazem que somos seres bissexuais (DALL’AGNOL, 2003).

A construção da sexualidade irá ocorrer com um predomínio maior dos aspectos culturais do que dos biológicos (MEIRA; SANTANA, 2014). O social desempenha uma maior influência no sujeito, o qual está em transformação, eles encontram-se em posições de exercer a humanização no mundo e ao fazerem isso, estarão deixando para as futuras

gerações novas maneiras de visão de mundo, novos instrumentos, novas habilidades (BOCK, 2004).

Se a sexualidade se desenvolve em meio a cultura, nosso padrão cognitivo se desenvolve em meio a atividade social nesta cultura, por meio do contato com outro para obtenção de informações que nos são transmitidas e logo utilizadas em nossas práticas. Fica evidente que o conhecimento está em transformação, e assim, tabus, preconceitos, que atravessam a sexualidade são determinados e poderão ter uma nova perspectiva ao longo dos anos (MEIRA; SANTANA, 2014). Mas vejamos a seguir, o conceito atual de sexualidade, visto que vários autores trazem seu próprio conceito.

Conceito de sexualidade e contato sexual

A Sexualidade pode vir a ser definida como um conjunto de desejos, de práticas, identidade sexual, relacionamentos, bem como aspectos eróticos que se modificam de pessoa para pessoa, levando em consideração “comportamentos, interesses, estilos de vida, papéis sociais definidos e a consciência de si” (GUERRA *et al.*, 2013). Guerra complementa que a intimidade é vivida particularmente e publicamente, ela pode ser considerada um objeto cultural, moldada pela política, economia, saúde, classe, raça e gênero, religião, e frente a essa perspectiva, a sexualidade é construída em um processo cognitivo, processamento de informações, esquemas mentais, onde irá expressar a identidade e a intimidade humana que muda de acordo com a personalidade, a satisfação de necessidades básicas, contato interpessoal, a vivência de amor e prazer, além do momento histórico e contexto cultural (GUERRA, 2013; VIEIRA *et al.*, 2016).

Englobado na sexualidade, o conceito de orientação sexual pode vir a ter diferentes significados, mudando sua perspectiva de autor para autor, mas sempre estará relacionado ao desejo. Para Vieira *et al* (2016) o desejo sexual é bem mais do que apenas uma fantasia, é um fator social, intrapsíquico, onde se assume uma prática sexual não apenas pelo tipo de parceiro sexual, já que a excitação é uma resposta sexual humana (RSH), a qual constitui:

“um conjunto de modificações fisiológicas que ocorrem após estímulo sexual, que envolve um processo fisiológico, bem como dimensões subjetivas do ser humano, como a capacidade de confiar, de sentir-se valorizado, aproximar-se e separar-se sem ansiedade excessiva, manter um padrão de relacionamento com o parceiro diferente da relação filial-parental e vivenciar a própria agressividade sem muita ansiedade (MARQUÊS *et al.*, 2008, p.176.)”

Nascimento *et al* (2005) traz em seu artigo de revisão “Relacionamentos amorosos e homossexualidade” uma crítica à sociedade pelo seu efeito nas relações sexuais. Ele reflete que poucos rapazes conseguem descrever seus sentimentos, para eles a sociedade roubou as palavras que poderiam explicar esses sentimentos. Faz-se necessário o respeito à diversidade sexual e o seu papel no desenvolvimento humano, pois desse modo veríamos como as experiências homoafetivas são validadas por um outro viés, diferente da perspectiva atual pregada na cultura Brasileira a qual julga estas relações e mantém a intolerância onde a homofobia é entronizada no contexto social.

Com os movimentos LGBTs pautando a militância a fim de cessar a violência, percebe-se que este modo de pensar está mudando, e cada vez mais vemos consequências em quem experiencia e expressa essa relação. Se olharmos como a maioria dos jovens tem seus contatos sexuais, percebemos que estes masculinos heterossexuais em meio a sua construção de identidade experienciam o contato homoerótico também involuntariamente (TAQUETTE *et al.*, 2005). O contato sexual com uma pessoa do mesmo sexo como já dito, não define a orientação sexual do adolescente nesse processo do desenvolvimento de sua sexualidade (PAIVA, 2008). Como aponta Vieira *et al* (2016) em uma de suas pesquisas, o contato homossexual para esses jovens “heterossexuais” é influenciado pelo padrão exposto pela sociedade, e se a sociedade discrimina esse tipo de relação, eles estarão sujeitos a rejeitar uma possibilidade de experiência devido à pressão exercida sobre si mesmos.

Então, o que vemos é uma heteronormatividade construída socialmente diante de gênero, práticas sexuais e desejos. Mas a sexualidade e seu modo de se apresentar no corpo vai além disso, não se liga apenas ao físico (sexo), é construída uma relação e diante disso nem todos se sentem confortáveis, “perante a essa norma, sentem-se inadequados”. (PADILHA, 2015)

Taquette *et al* (2005) apresenta algumas falas desses jovens que se envolvem com experiências homoafetivas: “sei que foi assim algo de momento. Éramos todos da mesma idade”. “Começou a acontecer uma troca de carinho, como uma brincadeira”. “Foi essa vez só. Ele começou a me alisar, mesmo eu não querendo. Aí, eu deixei rolar. Experimentei, mas não gostei”.

As experiências homoafetivas na adolescência são parte do desenvolvimento humano e da construção da identidade sexual, ter essas experiências não irá dizer se será

hetero ou homossexual, visto que a identidade sexual assume sua forma definitiva com o fim da adolescência. Mas em alguns, não é raro ver homens “héteros” pelos seus 25 a 40 anos tendo relações com outros homens, eles não se consideram bissexuais ou homossexuais, apenas se definem como héteros. Em frente a isso questiono quais as informações que utilizam para se definirem como héteros ou se é um mecanismo de defesa. Mas para se defender de que? Do preconceito? (SANTOS *et al.*, 2015).

Experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos

Não é raro ver em meados da adolescência que jovens buscam masturbar-se, tocar-se como uma forma de prazer, sendo um comportamento esperado no desenvolvimento sexual na adolescência visto que, “é o período de formação de sua identidade sexual, que se desenvolve naturalmente” (MAROLA *et al.*, 2011). Adolescentes realizam com um colega e ou amigo masturbação mútua, sexo oral, como uma forma de experimentar novas práticas sexuais, no entanto em uma cultura heteronormativa que marginaliza e condena a homossexualidade, esses jovens sofrem emocionalmente por praticarem comportamentos homossexuais, mesmo que para eles sejam apenas uma forma de prazer e ou brincadeiras (TAQUETTE *et al.*, 2005).

Taquette *et al* (2005) levanta que há a rejeição pela homossexualidade, e os que a experienciam desempenham essas práticas sem nenhum cuidado que vise sua proteção, bem como seu contato de informação para a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis - DSTs.

Para Welzer-Lang (2001), o desejo de um homem por outro homem é uma variação natural, não se trata de um desvio de personalidade ou doença mental, visto que o próprio DSM abandonou a concepção de homossexualidade como conceito de doença mental. Existem possíveis gradações da homossexualidade e da heterossexualidade, e isso reflete que ninguém é homem nem mulher cem por cento (100%). Usei esse parágrafo para dar sentido a essa questão de que muitos adolescentes ao terem suas experiências com outros homens muitas vezes se culpam e também são chamados de gays, num sentido pejorativo (BARRETO, 2018).

Colling (2007), aponta que do mesmo modo que homens héteros não se beijam, nem demonstram afetos, os casais homossexuais fazem o mesmo. Devido ao fato de não “chocar” as pessoas ou provocarem pensamentos marcados pela heteronormatividade,

evitam demonstração de afeto em público. Mas onde poderão demonstrar o contato sexual sem serem reprimidos?

Não é raro ver casos de crises emocionais devido à pressão que cai sobre estes jovens. Entender a formação da sexualidade é algo complexo, que envolve desejos, vontades, pensamentos, e toda a fantasia que envolve essa etapa do desenvolvimento humano. Mas agora potencialize isso com o fato de o contato sexual ser com um indivíduo do mesmo sexo (VIEIRA *et al.*, 2016).

Expõe-se que geralmente o primeiro contato sexual desses jovens acontece com alguém do sexo oposto, e quando ocorre com o mesmo sexo, a pressão é tamanha e causa enorme sofrimento (VIEIRA *et al.*, 2016). Muitos adolescentes, aqui do sexo masculino, trocam experiências pessoais partindo da realidade de suas próprias práticas, e ao se depararem de que ter relação com outro cara é um contato sexual errôneo, que causa vergonha e culpa, muitos não sabem lidar com esses sentimentos e atrelam pensamentos negativos frente a estas vivências (CAMARGO; FERRARI, 2009). As manifestações sexuais entre pessoas do mesmo sexo que estão se descobrindo, experimentam o ato sexual como forma de obter o prazer e de forma sigilosa, pois há um grande medo de ser rotulado, levando-o a inibir as confidências, os carinhos e brincadeiras que rodeiam essa fase.

Como reafirma Taquette *et al.*, (2005), “trata-se da fase de experimentação que contribui na construção da identidade sexual futura”. Ter essas experiências não significa que o garoto será homossexual ou que ele seja, mas a sociedade criminaliza qualquer contato entre homens e com isso há uma fragilidade da sexualidade masculina, não se pode experimentar qualquer prazer sem o medo de ser julgado.

Verifica-se que muitos homossexuais apresentam comportamento padrão que não foge de como a sexualidade é vivida no padrão social de homem hétero cis, a fim de manter velada sua orientação sexual (BARRETO, 2018). Desse modo, o objetivo deste trabalho é identificar aspectos psicológicos que influenciam nesse desenvolvimento e nas experiências afetivas masculinas em heterossexuais.

Metodologia

Trata-se de uma revisão sistemática, de pesquisa na literatura com foco em encontrar artigos acerca de como a sexualidade masculina é vivida, exclusivamente as experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos. Foram consultadas publicações

em dois periódicos de circulação nacional/internacional como a Scielo e a Pepsic, além de revistas científicas que abordam o tema proposto.

Por meio da análise explicativa das soluções, que consiste na análise dos materiais e artigos encontrados e a leitura crítica do pesquisador, foi construído um estudo e análise a fim de justificar os dados e informações obtidos, contidos nos artigos encontrados com foco em duas áreas do desenvolvimento humano, adolescência e adultos jovens (LIMA; MIOTO, 2007).

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio da internet, e os artigos não seguiram um padrão de tempo de publicação, sendo selecionados após a leitura prévia apenas os que eram relevantes para o estudo. Após a leitura dos artigos, foram excluídos aqueles que não se encaixavam na pesquisa, sendo o principal critério para a inclusão: como as experiências homossexuais são vividas em heterossexuais masculinos.

Resultados e Discussão

O título desse artigo não foi escolhido de maneira gratuita, levou-se em consideração questões acerca de como as vivências de experiências homoafetivas impactam na expressão emocional de jovens masculinos héteros, bem como se são considerados gays ou héteros na experiência desta afetividade e por fim qual o impacto que isto causaria no desenvolvimento da sexualidade do indivíduo. Cabe ressaltar, que foram encontrados poucos artigos que tratavam do tema a ser pesquisado. Foram encontrados 24 artigos nas plataformas Scielo e Pepsic, sendo 10 que se adequaram ao tema, 2 eram repetidos, e 12 não tinham a proposta do estudo.

No que tange a discussão, foram divididas em 3 classificações de acordo com os objetivos específicos, sendo elas: 1 - como as experiências homoafetivas implicam na expressão emocional. 2 - Compreender se poderíamos julgar homossexual o heterossexual que experimenta o contato homossexual. 3 - Qual o impacto dessas experiências homoafetivas no desenvolvimento sexual do heterossexual masculino.

Quando olhamos para o preconceito estabelecido onde homens não dormem com homens, somos levados a ir além da palavra preconceito e verificar quais os impactos emocionais que os adolescentes e muitos jovens adultos enfrentam e levam para a vida adulta. Lacerda *et al* (2002) aponta que, na perspectiva sociocultural, o preconceito é resultado da inserção do indivíduo em uma categoria social. Pertencer a um grupo leva à

atribuição de características positivas aos membros desse grupo e negativas aos do outro grupo. Deste modo, Bock (2004) afirma que o viés cultural está ultrapassado por ligar a homossexualidade a grupos de prostituição, comportamento promíscuo, uso de drogas, depressão, suicídio, etc., nos remetendo a estes aspectos negativos e também a um mal-estar na cultura.

Contudo, a visão que se tem sobre ser gay está em constante modificação, porém alguns estigmas ainda permeiam a comunidade LGBT. Partindo dessa ideia de quebra de paradigmas, como já apontado por Taquete e Rodrigues (2015), muitos homens heterossexuais têm contatos amorosos com outros homens, e na visão das autoras, os comportamentos e as experiências hetero ou homossexuais são forjadas pela vivência social, nas relações interpessoais, que abrangem questões macrossociais. A vivência emocional sobre o contato homossexual expõe uma fragilidade maior em experimentar em outro contexto, seja por um beijo no amigo, masturbação ou sexo com outro homem. Isso reflete que o homem sente dificuldades em experimentar o prazer como um todo.

De modo a complementar, Taquete (2005) em seu artigo “Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos” traz, que é muito difícil a aceitação do desejo bem como da própria homossexualidade. A aceitação para uma vida sexual plena sem tabus é vista por muitos jovens como algo conflituoso, gostar de outro homem leva estes jovens a uma dificuldade de assumirem seus impulsos sexuais. A autora ainda afirma que o processo de aceitação de suas vontades envolve momentos bem delicados, a qual aponta que é “difícil para um adolescente assumir que sente atração por um outro garoto devido à rejeição e à discriminação existentes no meio social e na família”. Com isso muitos se isolam como forma de se defenderem da violência.

Já Miskolci (2015) vem destacando que muitos jovens para não sofrerem violência, buscam definir o seu corpo, aumentar os bíceps, ficarem musculosos para se aproximarem de uma imagem heterossexual aceitável socialmente, a fim de fugirem do preconceito. Em seu artigo, o autor traz que esse perfil é um modo de se passarem por héteros, terem jeito de homem, de serem discretos, no qual o modelo de homem heterossexual colabora para fantasia social, onde “o homem heterossexual masculino ocupa o posto máximo no desejo”.

Ao que se refere a “a expressão sexual”, a orientação sexual e a identidade de gênero, é algo que envolve toda uma esfera da cultura e seus valores. Esses jovens sofrem ao entrar em conflito com a sua sexualidade e terem de reprimir seus sentimentos e

desejos, abandonar ou deixar de lado quem eles realmente são e sentem. Junqueira (2009) em seus estudos nos mostra que expressar a identidade sexual pode levar a algumas consequências, no qual orquestrados pela heteronormatividade, os processos de construção do comportamento compulsório heterossexual levam a acompanhar a rejeição da homossexualidade, expressando em meio a atitudes, enunciações e não raro, discursos homofóbicos. Resultando que “homem que é homem bate em veado”, e assim estigmatizando ainda mais o preconceito.

Imagine como é crescer e se desenvolver escutando que dois homens não podem se relacionar, como será a posição e a elaboração do indivíduo frente a essa demonstração de sexualidade psíquica? Se formos considerar como a experiência homossexual em jovens masculinos, percebemos que a discriminação frente a essa experiência não vem deles, mas sim da construção social sobre o preconceito da “homossexualidade” a qual cai sobre eles (VIEIRA *et al.*, 2016). Cabe ressaltar aqui, a importância de se promoverem ações que forneçam informações e tragam debates sobre a identidade e orientação sexual no desenvolvimento humano, a fim de consolidar uma cultura de respeito e o reconhecimento da diversidade sexual e suas pluralidades na identidade de gênero, garantindo e promovendo a cidadania a todos (JUNQUEIRA, 2009).

No que diz respeito às experiências homoafetivas, Taquete e Rodrigues (2015), apresentam que os rapazes significam suas vivências sexuais em três tipos distintos, no qual alguns, relatam que a experiência homossexual ocorreu de forma circunstancial, ou seja, a curiosidade levou a experimentação. A prostituição, que para a maioria está relacionada à orientação homossexual autodeclarada. E no que tange ao terceiro tipo, está que a atividade sexual eventual se apresentou como um acontecimento casual de curiosidade, muitas vezes de forma involuntária onde as situações levaram ao contato.

Por mais que estas vivências sexuais não sejam definidoras da orientação sexual, alguns adolescentes ainda demonstram culpa. Taquete e Rodrigues (2015), nos mostram que as culpas frente às experiências homoeróticas estão ligadas a um sentimento que é influenciado pelo padrão homofóbico imposto pela sociedade, o que os faz rejeitar a possibilidade de se considerarem gays ou bissexuais.

Taquete e Rodrigues (2015) ainda apontam que as experiências homossexuais ocasionais fazem parte do processo de construção e desenvolvimento da identidade sexual, não tendo sua forma definitiva na adolescência, mas sim assumindo a forma definitiva no final da adolescência.

Já Silva e Menandro (2019) em “*Experiências homossexuais prazerosas*”, trazem que as vivências homoeróticas em heterossexuais se apresentam como uma resposta aos desejos sexuais prazerosos com outros homens. Há o reconhecimento do desejo por maior parte desses homens, mas se justificam relatando que não tiveram prazer, já que certamente teriam se tornado homossexuais caso sentissem prazer nessa relação, visto que no artigo, alguns homens homossexuais aceitaram sua sexualidade apontando que não decidiram ser homossexual do dia pra noite. Antes disso, houve uma brincadeirinha com o coleguinha, consumo de material homoerótico e o consumo de bebida para experimentar.

Como dito em linhas iniciais dessa análise, são raras as pesquisas que enfocam na homossexualidade e suas experiências com heterossexuais, não há uma resposta pronta para esse fenômeno. “É gay? É hétero e tem experiências homoafetivas?”. Podemos citar que homens adultos gostam da companhia de outros homens, mas nem sempre isso quer dizer que eles estejam envolvidos em relacionamentos com estes. O chamado “*bromance*” é um termo norte americano para explicar a relação de heteros masculinos, onde há uma tensão sexual evidente aos olhos de terceiros, sendo que para eles não há nada demais, é tido como uma brincadeira (PADILHA, 2015). De fato, poderíamos dizer que se trata de uma relação homoerótica, pois há uma demonstração grande de afeto, mas não envolve sexo, já que o afeto é superior a um desejo sexual, sendo neste caso, uma relação homoafetiva.

O *Bromance* no que tange ao desenvolvimento sexual, terceiro e último tópico de análise aqui, é dirigido a Guimarães (2009), o qual aponta que meninos na infância e adolescência se ajustam a uma condição de ser, ou seja, sobre os discursos da sexualidade, eles constroem e se desenvolvem como homens heterossexuais devido a cristalização dos valores embutidos socialmente. Esta condição de ser heterossexual, ou, mais precisamente, “à condição de ser um homem heterossexual”, é conflituosa na construção da identidade sexual, para firmar uma masculinidade, é necessário que este adolescente negue seus desejos para se encaixar num papel social, evitando assim a discriminação, o preconceito, e a violência, tanto debatido neste estudo.

O *Bromance* surge da relação amigável e de confiança entre os jovens heterossexuais, com a experimentação sexual eles vão descobrindo o prazer de forma que não sejam vistos como homossexuais. Conforme aponta Guimarães (2009) e Padilha (2015), trata-se de um momento entre amigos, não havendo a necessidade de revelar publicamente estas experiências. Homens heterossexuais podem ter vivências com outros

caras, mas não se sentem confortáveis a revelar suas práticas devido como dito aqui, as pressões sociais. Para Guimarães (2009), sair do armário ainda é para gays, porém o que vemos são muitos os quais continuam “no armário” devido a ameaça de violência, rejeição ou discriminação por parte da família, amigos ou perante a sociedade.

Para finalizar esta discussão, Teixeira (2019) aponta que é necessário que cada um de nós valorize a liberdade e o direito de se ter experiências mais estimulantes e prazerosas, juntamente com a condição de estar em paz consigo mesmo. É importante que nossa vida sexual seja algo comum, sem tabus, no qual não possamos ser rotulados. Quando há conflito sexual no desenvolvimento, configura-se um duelo cognitivo entre um conceito que “recorre à etimologia da palavra homossexual versus uma visão que é cultural e, por isso mesmo, mais difundido e introjetado na mente das pessoas, ou pelo menos, em boa parte da população”.

Neiva (2014), ressalta o proposto nesse artigo, no qual homens e mulheres possuem relacionamentos afetivos, estes homossexuais, heterossexuais, bissexuais, entre outros, levando a apontar que independente da relação, sexual, afetiva, estes jovens não são necessariamente gays, héteros ou qualquer outro termo da população LGBT. É difícil pensar sobre o tema pois ainda é algo inflexível. Como a própria autora cita:

“Ser ou não ser gay, ser ou não ser hétero, é a questão [...] aquilo que não se basta em definições estanques quanto à identidade e à sexualidade e se encontra em ambientes de lazer onde há maior fluidez sexual, abarcando desde sujeitos heterossexuais, bissexuais ou homossexuais, até aqueles que se dizem “sem rótulos” ou que circulam por entre as fronteiras das categorizações sexuais correntes (NEIVA, 2014. p.132).”

Na sequência, organizou-se algumas conclusões.

Conclusões

Esse estudo nos mostra que existem vulnerabilidades nos comportamentos sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, isso decorre provavelmente de que muitos jovens têm desejo e afetividade homoerótica e quando se envolvem com alguém tendem a acreditar que isso irá definir sua orientação sexual.

O que estes jovens não compreendem é de fato que, a vivência da sexualidade é atravessada por diversos fatores, social, cultural, político, religioso, dentre outros, o que implica na expressão do desejo é a crença de preconceito, tabu, mito, algo que já vem

sendo debatido e desconstruído, mas que nos dias atuais mantém efeitos negativos que inibem esses jovens. As relações que permeiam a ordem social causam prejuízos emocionais e psicológicos no desenvolvimento da sexualidade, já que as experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos muitas vezes são realizadas em sigilo ou geram culpa.

Isso ocorre devido ao preconceito, aos atos de violência que rodeiam o mundo LGBT. É difícil para um jovem elaborar sua orientação sexual como homossexual devido às pressões sociais, então imagine para um jovem que se vê como hétero ter experiências homoafetivas. Tudo gira em torno de ser ou não ser gay. É preciso parar de rotular qualquer afeto homoafetivo entre homens, necessita-se trabalhar a sexualidade fora da esfera do tabu, para que se possa expressar a sexualidade sem reprimi-la.

É fundamental promover a equidade, reconhecendo e refletindo sobre a condição de vulnerabilidade em que se encontram muitos desses adolescentes, especificamente, quanto aos seus direitos sexuais, visto que as experiências homoafetivas em jovens heterossexuais masculinos têm um impacto, mas de peso negativo. Segue-se a demanda social, é deixado de lado quem “eu quero ser” para viver em harmonia na sociedade. Por mais que o avanço da luta LGBT esteja à frente na sociedade brasileira, pouco se tem pesquisado sobre a masculinidade e suas formas de vivenciar e expressar o desejo sexual.

Portanto, pode-se considerar que jovens com práticas homoeróticas são submetidos ao estresse do meio, por eventos e condições sociais, tais como atos de violência decorrentes do preconceito desencadeado na sociedade e as consequências negativas são estabelecidas na cognição destes. Por fim, ressalto a necessidade de novas pesquisas acerca do tema, pois esse estudo apresenta limitações, uma vez que a amostra da pesquisa foi composta por poucos artigos encontrados em plataformas online. E ao mesmo tempo que essa revisão possibilitou analisar e estudar as experiências homossexuais em heterossexuais masculinos, levantou-se novos questionamentos, e quem sabe me permitam explorar e contribuir com conhecimentos acerca da sexualidade em estudos futuros, visto que o desenvolvimento de pesquisas sobre a sexualidade e suas práticas maneiras de expressão são praticamente nulas escassas.

Referências

BARRETO, V. H. S. “Venha se você for homem”: O princípio da masculinidade em orgias entre homens. **Rev.Sex., Salud Soc.** Rio de Janeiro, nº. 29. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872018000200099&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 22 Jan. 2019.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes.** Campinas, v. 24, nº. 2004. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/>. Acesso em: 26 Jan. 2019.

BORGES, L, CANUTO, A. A. A., OLIVEIRA, D. P; VAZ, R. P. Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 33, nº.3. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300016. Acesso em: 14 Jan. 2019.

CAMARGO, E.A.I; FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva.** Londrina, v. 14 (3). Jun 2009.

COLLING, L. Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo. Criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero.** Niterói, v. 8, nº. 1. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>. Acesso em: 29 Jan. 2019.

DALL’ AGNOL, R. A. S. Sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida? **Psic.** São Paulo, v. 4, nº. 2. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200004. Acesso em: 24 Jan. 2019.

GUERRA, V. M; CEOTTO, E. C; CINTRA, C. L; SCARPATI, A. O estudo da sexualidade na psicologia social: uma perspectiva brasileira. **Psicologia: Conceitos, Técnicas e Pesquisas.** Espírito Santo, v. 1. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261645549_O_estudo_da_sexualidade_na_psicologia_social_uma_perspectiva_brasileira. Acesso em: 29 Jan. 2019.

GUIMARÃES, A.F. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 17, nº. 2. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023. Acesso em: 29 Jan. 2019.

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da Educação. Brasília. 2009.

LACERDA, M; PEREIRA, C; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicol. Reflex. Crit.** Rio Grande do Sul, v. 15. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/> Acesso em: 14 Nov. 2021.

LIMA, M. F. E. M; EDDINE, E. A. C. Homossexualidades: espaço em uma revista especializada? **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 23, n°. 3. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2015000300021&lng=pt&nrm=iso Acessos em 26 Mar. 2020.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 10 n°. esp. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004 Acesso em: 18 Jan. 2019.

MAROLA, C. A. G; SANCHES, C. S. M; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.** São Paulo, v. 33, n°. 2. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006 Acesso em: 14 Jan. 2019.

MARQUES, F. Z. C; CHEDID, S. B; EIZERIK, G. C. Resposta sexual humana. **Rev. Ciênc. Méd.** Campinas, v. 17. 2008. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/755> Acesso em: 14 Jan. 2019.

MEIRA, R. D; SANTANA, L. T. Sexualidade na perspectiva histórico cultural: Primeiras aproximações. **Trilhas Pedagógicas.** São Paulo, v. 4, n°. 4. 2014. Disponível em: <http://fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume4/11.pdf> Acesso em: 30.Jan.2019.

MISKOLC. R. "Discreto e fora do meio" - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cad. Pagu.** Campinas, n°.44. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332015000100061&script=sci_arttext&lng=pt Acesso em: 21 Mar. 2019.

NASCIMENTO, G. C. M; SCORSOLINI-COMIN. F; FONTAINE, A. M. G. V; SANTOS, M. A. Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 23 n°.3. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300003 Acesso em: 21 Mar. 2019.

NEIVA, G. “É gay ou é hetero?” – Notas etnográficas sobre performatividade nas sociabilidades alternativas. **Cadernos De Campo.** São Paulo, v. 23. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v23i23p125-139>. Acesso em: 01 Mai. 2019.

PADILHA, F. **O segredo é a alma do negócio**: mídias móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. UFSC. São Carlos. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7178/DissFAP.pdf?sequence=1> Acesso em: 23 Fev. 2019.

PAIVA, V. A Psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n°. 4. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a02.pdf> Acesso em: 21 Fev. 2019.

SILVA, O. R. M; MENANDRO, M. C. S. "Como se produz um homossexual?": a origem da homossexualidade na percepção de indivíduos que alegaram ter mudado de identidade sexual. **Gerais**. Belo Horizonte, v. 12, n°.1. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 24 Jan. 2019.

TAQUETTE, S. R, RODRIGUEZ, A. O. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface**. Botucatu, v. 19, n°. 55. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000401181 Acesso em: 24 Jan. 2019.

TAQUETTE, S. R; VILHENA, M. M; SANTOS U. P. P; BARROS, M. M. V. Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 10, n°. 2. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200018 Acesso em: 21 Fev. 2019.

TEIXEIRA, N. Categorização, cognição e o estilo de vida gay. **Est. Inter. Psicol.** Londrina, v. 10, n°.1. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100008 Acesso em: 02 Mai. 2019.

VIEIRA, K. F. L; ARRUDA, M. V. S; NÓBREGA, R. P. M; VEIGA, P. M. L. Representação Social das Relações Sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 36, n°.2. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0329.pdf> Acesso em: 02 Fev. 2019.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Est. Feministas**. Florianópolis, v. 9. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em: 21 Fev. 2019.